Vida Mundial Ilustrada

ANO I — N.º 18 — 18 DE SETEMBRO DE 1941 — PREÇO: 1 ESC.

SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES

A SR.ª WINANT, espôsa do embaixador dos Estados Unidos da América do Norte em Londres, que há dias passou em Lisboa, a caminho de Nova York.

Redacção e Administração: Rua Garrett, 80, 2.º Lisboa Telefone 25844

Vida Mundial Ilustrada
JOSÉ CÂNDIDO GODINHO
Director
JOAQUIM PEDROSA MARTINS
Editor e Proprietário

NOS PRÓXIMOS NÚMEROS, COLABORAÇÃO DE

PROF. DR. MANUEL RODRIGUES
PROF. BARBOSA DE MAGALHÃES
FERREIRA DE CASTRO
PROF. DR. HERNANI CIDADE
GENERAL FERREIRA MARTINS
DR. LOPES DE OLIVEIRA
MANUEL L. RODRIGUES

DR. AMÉRICO DURÃO
ASSIS ESPERANÇA
DR. SOUSA COSTA
ROBERTO NOBRE
DR. CASTRO FERNANDES
DR. JOSÉ RIBEIRO DOS SANTOS
DR. CAMPOS PEREIRA

DR. ANSELMO VIEIRA
JOAQUIM PAÇO DE ARCOS
JOSÉ LOUREIRO BOTAS
AUGUSTO FERREIRA GOMES
F. CARVALHO HENRIQUES
BRAMÃO DE ALMEIDA
Etc.

a Ucrânia e as suas vicissitudes

Um povo que o destino parece ter condenado ao sofrimento

por António Brochado

Na sua nova fase, a guerra trouxe outra vez a Ucrânia ao primeiro plano da actualidade. O sangue empapa de novo a terra fértil das vastas planícies ucranianas. Para aqueles que, ao findar o rescaldo da outra carnificina mundial, já haviam atingido a idade da razão, quantas recordações não lhe evocará êste simples nome: Ucrânia.

Primavera de 1922. Esgotada por quatro anos de cruenta guerra a população da Ucrânia sentiu fome.. O «celeiro da Europa» estava vazio. Dez milhões de seres humanos viviam a maior das tragédias. Em alguns distritos os esfomeados atingiam oitenta e cinco por cento da população. Nas margens do Mar Negro, povoações inteiras tornavam-se verdadeiros cemitérios. Os jornais falaram — e o mundo sentiu-se emocionado. Nansen e Hoover patrocinaram a cruzada de socorro aos famintos. Outros assuntos ocuparam depois a primeira página dos jornais. E não mais se falou na Ucrânia, até há pouco, quando a Alemanha declarou guerra à Rússia. Calaram-se as balalaikas. Fêz-se ouvir a voz altisonante do canhão. O sangue rega de novo a terra ucraniana.

DO DOMÍNIO POLACO À INFORTUNADA AVENTURA DE MAZEPPA

Singular destino o dêste povo, que sempre aspirou à paz e a viver independente. Mas o destino, e talvez mais do que êste, a ambição dos homens, quiz sempre que tão justas aspirações nunca se tornassem realidade. A paz e o socêgo dos ucranianos foi sempre através dos tempos, sol de pouca dura.

Ligada à Polónia até ao século XVI, rodeada de vizinhos cobiçosos, passou a girar na órbita dos senhores da Moscovia. Em 1648 conheceu uma fugaz independência graças à revolta chefiada pel «hetman» Chmnickij. Depois, um pacto assinado com o czar russo concedia-lhe a liberdade e o direito de conservar exército próprio, um govêrno e representantes diplomáticos no estrangeiro. Pura ilusão. Pedro, o Grande, não era homem para abandonar voluntàriamente uma coisa que desejava.

Até que um belo dia se deu a famosa aventura de Mazeppa, imortalizada mais tarde por Byron e Vitor Hugo e evocada na tela por Vernet e Boulanger. Condenado a uma morte certa, Simão Mazeppa foi amarrado ao dorso de um cavalo selvagem, que, na sua desenfreada correria, acabou por ir parar à Ucrânia. As circunstâncias extraordinárias em que Mazeppa apareceu excitaram os cossacos, que o elegeram «hetman». Decorrem anos. Mazeppa servia o czar, mas já se sentia o interprete das aspirações de independência dos ucranianos. Apenas aguardava o momento oportuno, que êle julgou ter chegado ao declarar-se a guerra com a Suécia. Aliou-se a Carlos III, contra Pedro, o Grande. Perdida a batalha de Putava, Mazeppa envenenou-se. O czar aproveitou o ensejo para dominar a Ucrânia, transformada depois por Catarina numa província russa. A servidão, ignorada até 1783, foi ali introduzida pela discutida imperatriz.

A RESISTÊNCIA À RUSSIFICAÇÃO RADICA NO POVO O ESPÍRITO DE LIBERDADE

A russificação da Ucrânia foi continuada por todos os czares — mas apenas conseguida no seu aspecto exterior. Os ucranianos mantinham-se fiéis à sua língua e à sua cultura, que os dominadores puseram fora da lei. Os livros escritos em ucraniano eram impressos no estrangeiro e introduzidos, clandestinamente, no país. A aspiração à independência era uma luz que jamais se extinguiria.

E em 1914 eclodia a guerra na Europa. Primeira esperança. O «cilindro russo», no dizer fácil dos gazeteiros parisienses, pôs-se em marcha. Os condutores, porém, manifestaram a mais absoluta ignorância da «máquina» que tinham sido encarregados de conduzir. Tannemberg é o primeiro aviso.

1917 — ano cruciante para os países em guerra. Corre o mês de Fevereiro. Falta o pão em Petrogrado. Há motins nas ruas. Os amotinados aumentam de número — e é a revolução. Nas planuras ucranianas ergue-se um grito: independência. É mais uma bandeira a agitar-se. O govêrno provisório, da presidência do príncipe Lvov, organiza um comité encarregado de estudar as questões especiais da Ucrânia. Os estudos prolongam-se ainda durante o govêrno de Kerensky. Entretanto, organizara-se na Ucrânia uma Assembleia Nacional, a Rada, que era constituída, na sua maioria, por socialistas-revolucionários, que proclamavam: queremos a democracia e o socialismo, mas antes de tudo, a independência da Ucrânia. Dirigem o movimento o romancista Vinnitchenko e Petlura, um obscuro funcionário guindado sùbitamente a «leader» e que mais tarde tanto daria que falar. O renascimento do Estado da Ucrânia é paradoxalmente festejado pelos alemães e pelos aliados. Emquanto os primeiros viam nisso o princípio do desmembramento da grande Rússia e a possibilidade de menos um adversário, os segundos, pelo contrário, cuidavam arranjar mais uma aliado — e, por conseguinte, o recrudescimento da luta na frente oriental.

Outubro. Os bolchevistas tomam o poder. O Conselho dos Comissários do Povo, de que fazia parte Staline, na qualidade de comissário das Nacionalidades, proclama o direito dos povos disporem de si próprios e formarem Estados independentes. A Ucrânia era livre — mas iria pagar caro essa liberdade.

DAS NEGOCIAÇÕES DE BREST-LITOVSK À GUERRA CIVIL

Brest-Litovsk. As delegações russa e dos impérios centrais, chefiadas, respectivamente, por Trotski e pelo general Hofmann, discutem as condições de paz. Encontra-se presente uma delegação ucraniana, pois o conde Czernin declarara que só a Rada representava a Ucrânia independente. Russos e ucranianos tinham concepções diferentes da paz. E emquanto os delegados discutiam, agravava-se a situação na Ucrânia. Unidos para o objectivo imediato: a independência, os ucranianos encontravam-se agora divididos por questões de ordem político-social. No dia 25 de Janeiro de 1918, os delegados da Rada assinavam um acôrdo com os alemães, austríacos, bulgaros e turcos. No mesmo dia, Kiev era cercada pelas tropas «vermelhas». Constituía-se em Kharkov um govêrno operário e camponês. A Rada apelou para os seus recentes aliados. E, no dia 16 de Fevereiro, as tropas saxónias ocupavam Kiev. A fim de iniciar a preparação do plano da Mittel-Europa, o feld-marechal von Eichhorn entregava o govêrno da Ucrânia não à Rada mas sim a um homem da sua inteira confiança: o «hetman» Skoropadski.

Assinado o tratado de Brest-Litovsk, pelo qual a Rússia reconhecia a Repú-

(Conclue na pág. 19)

Conhecem VALE DE LOBOS?

VALE DE LOBOS É UM LUGAR AMENO, todo frescura e solidão, um recanto encantador que possui o condão de nos prender. Depois duma estrada igual a muitas, surge-nos a maravilha. Desce-se a pé até ao vale. E, lá em baixo, as encostas, cobertas de pinheiros e eucaliptos, parecem-nos mais altas e belas. Lindas moradias se escondem entre os pinheirais. Em tôda a volta, terreno magnífico para assentar tendas de «camping». Dir-se-ia um pequeno Estoril, de ruas bem delineadas...

NADA FALTA EM VALE DE LOBOS. Ao lado de vivendas graciosas e até luxuosas, casino, cinema, café, «bar», campos de jogos, patinagem — e ciclismo, desporto muito da predilecção das suas jovens freqüentadoras.

NO TERRAÇO DO CASINO, pequenino e simpático, há bailes ao ar livre. São já muitas as famílias distintas que, enamoradas daquele encantador arrabalde, o elegeram para as suas férias. Êste ano, foi grande a concorrência.

EM VALE DE LOBOS, há um intenso aroma a resina e há também o alacre perfume que rescende dos sorrisos juvenis em férias, da sua poesia tão profunda que Bernardim Ribeiro consagra. A casa do poeta, o seu refúgio, ainda lá está, velhinha de quatrocentos anos...

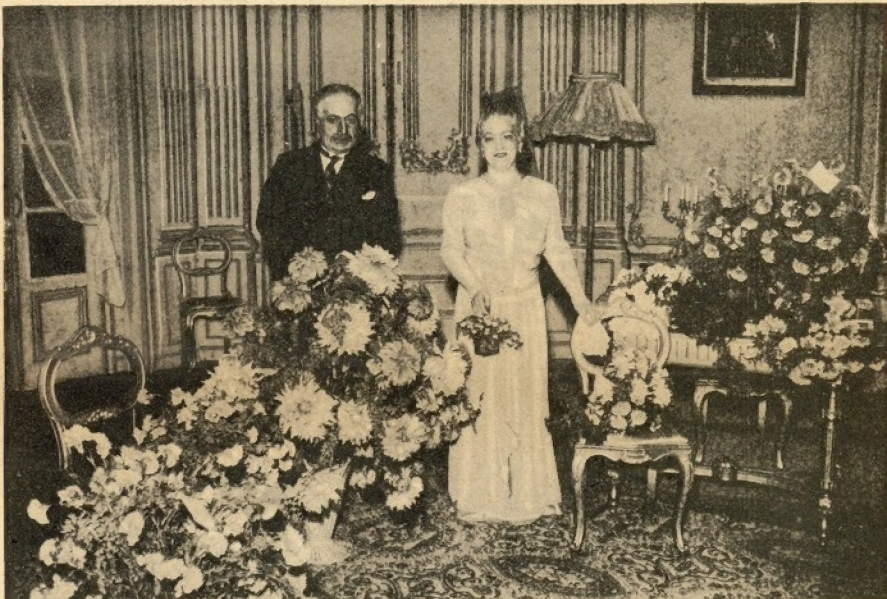
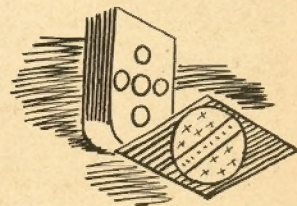
(Reportagem Serra Ribeiro)

TAL COMO OS GRANDES CENTROS DE TURISMO, Vale de Lobos tem também o seu campo de «golf» — desporto de «élite» que ali tem cultivadores entusiastas. Nada lhe falta, portanto, a esta terra magnífica de panoramas e de beleza, para ser um grande local de vilegiatura.

Vida PORTUGUESA

ASSISTENTES AO BANQUETE de confraternização dos empregados das secções de Trânsitos e Suíça da firma Garland, Laidley & C.ª Na mesa de honra, vêem-se os srs. Zesewitz, Almendiger e J. Estevão.

DOIS ASPECTOS DO ACAMPAMENTO E DAS PROVAS DE NATAÇÃO DE 110 FILIADOS DA M. P. dos centros de Vendas Novas e de Montemor-o-Novo, na praia do Portinho da Arrábida. À esquerda, em cima: Um grupo de crianças que tomaram parte na última récita de caridade no Casino do Estoril. Em baixo: Os médicos que assistiram ao almôço de despedida e homenagem ao sr. dr. Carlos Gomes de Oliveira, que partiu recentemente para os Açôres.

NO PAQUETE «SERPA PINTO», seguiram há dias para Nova York mais 56 crianças de ambos os sexos e de várias nacionalidades chegadas a Lisboa e vindas das colónias infantis do sul da França. A bordo, a direcção da Companhia Colonial de Navegação ofereceu-lhes um lanche, e várias lembranças. Ao embarque, assistiram membros do «Comité» de Socorro Americano.

A ILUSTRE ACTRIZ PALMIRA BASTOS recebeu há dias no Teatro Avenida, numa imponente festa de homenagem, uma clamorosa consagração do público. A foto mostra a grande artista, com Alves da Cunha, no final da peça «Israel», rodeada das flores que nessa noite lhe ofereceram os admiradores da sua arte inconfundível.

A ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA IMPRENSA que recebeu oficialmente, no Rio de Janeiro, a Embaixada Especial portuguesa ao Brasil, entregou ao sr. dr. Augusto de Castro, presidente do Grémio da Imprensa Diária e director do «Diário de Notícias», uma mensagem para o Sindicato Nacional dos Jornalistas portugueses. O sr. dr. Augusto de Castro entregou essa mensagem numa sessão solene especialmente organizada no S. N. J. A foto mostra o jornalista sr. Augusto Pinto lendo o documento. A seu lado, os srs. dr. Augusto de Castro e Luiz Teixeira, presidente do S. N. J.

o caso da semana

As aspirações da Abissínia

por Carlos Ferrão

EM Julho de 1940 quando, derrotada a França, o mundo considerava iminente a liquidação da guerra pela derrota da Grã-Bretanha, um aparelho misterioso descolou dum campo de aviação britânico e ousadamente seguiu o rumo do sul, transportando um passageiro da categoria. Feitas as escalas aconselhadas pela prudência e pela necessidade de reabastecimento em víveres e em carburante, o avião pousou, tranqüilamente, em qualquer parte, no Sudão anglo-egípcio, onde a sua chegada era aguardada por número escasso de pessoas bem informadas.

Ia iniciar-se um capítulo novo na história do continente africano. Os europeus, que o haviam descoberto, palmo a palmo, penetrado em todos os sentidos e animado com a sua capacidade de iniciativa e a sua aptidão civilizadora, transferiram mais uma vez para aquelas paragens o eco das suas divergências. O passageiro misterioso que embarcara em Inglaterra — era o antigo Negus da Abissínia, Hailé Selassié, Rei dos Reis e Senhor de Judá.

As exigências da luta obrigaram a manter secreta, durante algum tempo, a sua viagem arriscada. O mundo quási havia esquecido o seu nome, popularizado nos títulos gritantes dos grandes jornais e revistas e divulgado, em tôdas as línguas, nas legendas cinematográficas das actualidades internacionais. A ingratidão de tantos amigos e compatriotas e a desenvoltura com que, por tôda a parte, começou a tratar-se da independência das nações, liquidaram as últimas recordações da sua passagem pelo «écran» das celebridades mundiais.

Entretanto tinham passado apenas quatro anos desde que, numa tarde fatídica, êle tomara o caminho do exílio, abandonando o palácio real enquanto a pilhagem desenfreada se encarniçava à volta de Addis Abeba. O ministro da S. M. britânica na capital etíope apressara a entrada das primeiras tropas italianas para evitar que os irregulares abexins liquidassem os poucos estrangeiros que teimavam em viver nela. A Abissínia passou a constituir o florão mais precioso da coroa imperial italiana.

Derrota-ressurreição de Anthony Eden

Durante êsses quatro anos, quantos episódios reveladores, mantendo a humanidade num sobressalto inquieto sôbre os seus próprios destinos! O intermédio de Genebra concluíra-se por uma derrota espectaculosa. Nem a argúcia jurídica do professor Jéze, nem os cortejos das sufragistas nas ruas de Londres, nem a vitória da Frente Popular nas eleições francesas evitaram que a Sociedade das Nações consagrasse, primeiro pela abstenção, depois pelo reconhecimento oficial, o desaparecimento da Etiópia como nação independente.

O Negus, vendidas as últimas pratas, passou a viver com a família numa praia isolada da Grã-Bretanha. A sua causa envelhecia na poeira dos arquivos e na recordação dos saüdosistas. A Itália procurou valorizar, por um trabalho intenso de colonização, o seu domínio. Junto do Negus, além das pessoas de família, olhados com curiosidade quando passavam nas ruas ou se distraíam na contemplação do mar, apenas um amigo da primeira hora, que era, simultâneamente, um conselheiro de tôdas as horas: o dr. Martin.

Em Setembro de 1939, a guerra, localizada de comêço entre a Polónia e a Alemanha, por um motivo aparente que os familiares do antigo imperador mal conheciam, ameaçou assolar a Europa inteira. Que ia sair dêste conflito em que, ràpidamente, se envolveram as maiores potências do continente? O Negus passou a seguir atentamente a evolução dos acontecimentos. A função da Itália tinha, para o seu caso, uma importância capital.

O homem que em Genebra advogara a aplicação da sanção do petróleo e conseguira o acôrdo difícil do Almirantado para enviar ao Mediterrâneo as maiores unidades da «Home Fleet» voltara a ocupar um lugar na política do seu país. Anthony Eden era o ministro da guerra encarregado de preparar e armar o exército com que a lei do serviço militar obrigatório, votada apressadamente quatro meses antes, ia dotar o seu país. Mas a causa da independência etíope era um pormenor perdido na maré dos problemas que preocupavam os dirigentes inglêses.

Em Maio de 1940, constituiu-se em Londres um govêrno de união e de salvação nacional presidido por Winston Churchill. O Primeiro Ministro foi investido numa função messiânica: salvar a pátria, desarmada e ameaçada de perto, quando o inimigo ocupava os primeiros portos nas costas do Mar do Norte e do Atlântico. Narvik foi o epitáfio duma política de ilusões, quando era de realidades, e de duras realidades, que se tratava. A roda do destino parecia apostada em destruir uma obra de séculos: a grandeza e a unidade do Império britânico.

O regresso do Negus a Addis Abeba

Winston Churchill era um realista ousado. O seu primeiro cuidado consistiu em estabelecer uma contabilidade, despida de preconceitos ideológicos e de convicções falsas, sôbre as verdadeiras possibilidades da Grã-Bretanha. Nenhum argumento, nenhuma razão, nenhum elemento ou prova de convicção que pudessem auxiliá-lo na emprêsa de salvar a pátria seriam desprezados. Instalado em Downing Street, o seu primeiro gesto foi um gesto de apaziguamento.

A Itália mantinha-se na sua atitude de não beligerância. Quando a Alemanha, a braços com a campanha da Polónia, procurava liquidar as suas dificuldades, apresentando uma vitória fulminante como penhor das acções futuras, alguns chefes categorizados do exército francês encararam a hipótese de desencadear uma ofensiva que levasse o govêrno de Roma a esclarecer a sua posição. A proposta foi afastada. O generalíssimo Gamelin e o Estado Maior criam firmemente nas virtudes da máquina que manobravam e tinham os olhos fixos nas planícies da Bélgica.

O novo Primeiro Ministro dirigiu-se ao Duce recordando as velhas e tradicionais relações de amizade entre os seus dois países. Nenhum motivo profundo existia para perturbar essa amizade consagrada durante séculos. Era, porém, tarde. A Itália fizera a sua escolha. A resposta de Roma não deixou dúvidas sôbre as suas intenções. O govêrno italiano queria nortear-se pelas razões superiores do interêsse nacional. Na sua carta, Mussolini recordou os agravos recebidos nos últimos anos e fêz da política inglêsa no caso etíope o fundamento e a razão das suas queixas actuais.

Em Junho, a Itália entrou na guerra. Quinze dias passados assinou um armistício com a França que consagrou a sua vitória militar. A irredutibilidade anglo-italiana, começada no período das sanções e atenuada com a assinatura do «gentlemen's agreement», tornara-se irremediável. Inglêses e italianos militavam em campos opostos. Em Julho, o Negus embarcou numa avião britânico com um encargo: levantar a parte da população etíope fiel à sua causa contra o domínio italiano. Em Agôsto, o Marechal Graziani iniciou a sua ofensiva no norte de África, conjugada com os ataques maciços da aviação alemã sôbre a metrópole britânica. A batalha da Inglaterra, com as suas duas fases, a me-

(Continua na pág. 12)

Hailé Selassié, no seu gabinete de trabalho em Addis-Abeba (Foto «Britanova»)

PÉTAIN e as crianças da FRANÇA

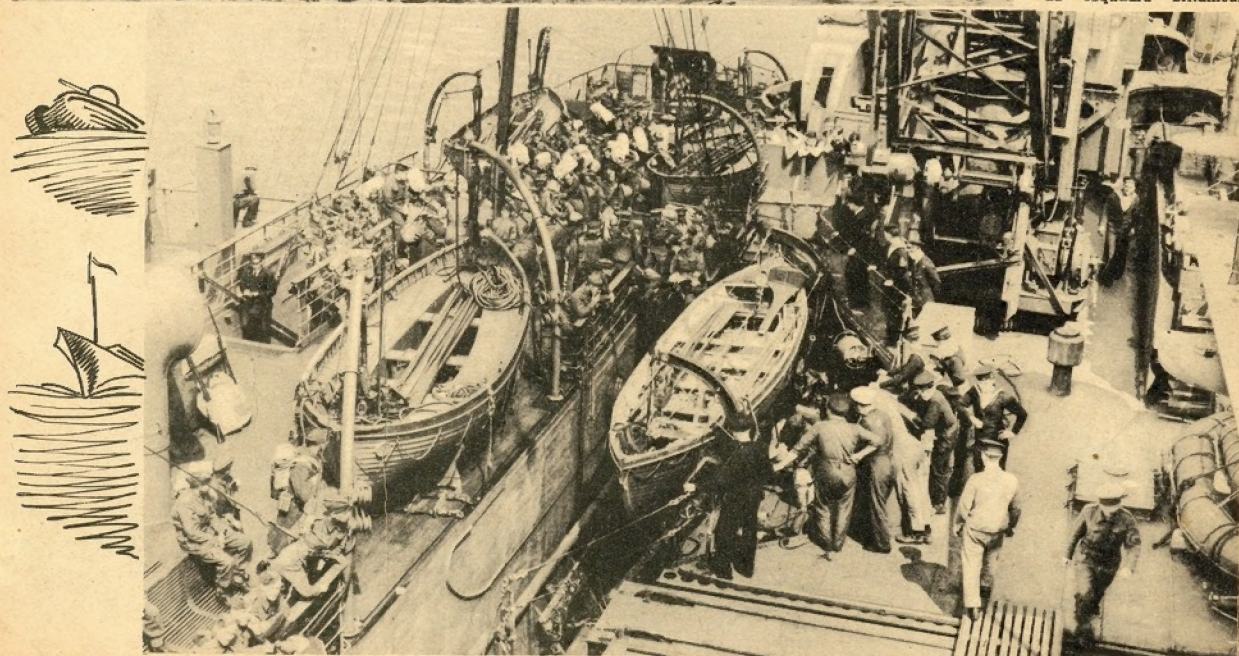
O MARECHAL PETAIN vela, com enternecido carinho, pelo futuro das crianças da França, preside a tôdas as cerimónias de exaltação da infância e pugna pelo seu bem estar. Em cima: um curioso instantâneo da festa das mães efectuada no salão de festas de Vichy, com a assistência de Pétain.

JOVENS MAMÃS e crianças da Maternidade-modêlo de Bourg ouvem no parque daquêle estabelecimento o discurso que Petain pronunciou no dia da «Festa das Mães».

NA ENTRADA DA CÂMARA Municipal de Montluçon, o Marechal é saúdado, durante a sua viagem pela província, por um grupo de crianças que, no conjunto, formam, com os seus trajes, as côres da bandeira nacional francesa.

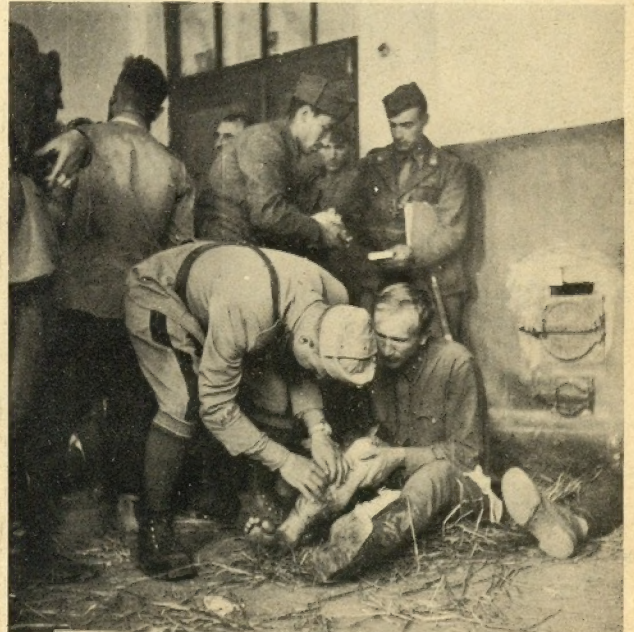
O exército inglês aprefeiçoa * novos * métodos * de * guerra

NOS ÚLTIMOS TEMPOS, a deminuição da ofensiva alemã sôbre a Inglaterra tem permitido ao exército inglês a realização de manobras de grande envergadura, entre as quais figuram o aperfeiçoamento dos novos métodos de guerra e a colaboração das fôrças terrestres com a Armada. As fotos mostram: em cima — um destacamento de infantaria atravessando um rio; à esquerda — a utilização de barcos de borracha; em baixo — a entrada dum corpo expedicionário do exército para um navio da esquadra britânica.

Imagens da ITALIA na guerra

SOLDADOS ITALIANOS na frente da Rússia desobstruem o terreno para permitir o avanço das suas colunas.

TROPAS DO EXÉRCITO ITALIANO recemchegadas à frente oriental.

UMA PATRULHA de «bersaglieri» captura um soldado inimigo na zona de Tobruk.

O GENERAL CAVALLERO, chefe do Estado Maior italiano, em serviço na África, conferenciando com os altos comandos alemães na frente de Tobruk

MÉDICOS DO SERVIÇO SANITÁRIO ITALIANO prestando socorros aos prisioneiros russos na região da Ucrânia ocidental, após um combate junto do Dnieper.

THERESE BONNEY

repórter fotográfico da Grande Guerra e detentora do record de 3.000 fotografias da Guerra Actual

THERESE BONNEY repórter-fotográfico. Em baixo: as crianças vítimas da guerra socorridas pelas filiadas da Cruz Vermelha Americana, de que Bonney é enviada.

ALÔ! Hotel Borges? «Mademoiselle» Therese Bonney, está?

... ...

Um «taxi» e, em dois minutos, estamos junto da única mulher repórter-fotográfico de guerra de todos os tempos.

Descrever o seu tipo másculo corresponderia à fiel descrição do tipo de homem enérgico, cujo olhar duro e maneiras decididas são capazes de tudo sem temer perigos.

Nunca uma mulher nos pareceu menos feminina à primeira vista... No entanto, Therese Bonney, enviada da Cruz Vermelha Americana, tem dado provas de heroïcidade, de abnegação e carinho pela mulher e pela criança, inocentes vítimas do grande conflito europeu.

— Desde quando lhe ocorreu ser fotógrafo?

— Já na guerra de 1914, estive no «front» com a minha máquina. E, agora, no «front» finlandês, recebi do General Mannerheim o cartão n.º 1 de Reporter de Guerra.

— Fêz tôda a guerra da Finlândia?

— Tôda. Sempre no «front». Quando foi assinada a paz entre a Rússia e a Finlândia, segui para a Bélgica. Três dias antes da invasão, estava em Bruxelas. Deixei esta cidade e corri a encontrar-me com o exército francês em Givet. Passou-se isto a 10 de Maio...

— Reportagem emocionante?

— Como tôda a reportagem de guerra.

E continuando:

— Participei na retirada do exército francês, sob as ordens do General Weygand, assim como na evacuação de tôda a população civil de Givet. Fiz tôda a retirada. Recebi, por isso, a Cruz de Guerra Francesa-1940, pelo auxílio prestado aos civis durante os bombardeamentos. Segui com os refugiados. Acompanhei o êxodo até Bordéus, donde segui sòzinha, no meu automóvel, para Lisboa.

— Fotografou alguns dos principais personagens da guerra?

— Sim, entre êles Mannerheim e o Presidente da República da Finlândia, justamente quando foi lida a declaração do armistício ao povo finlandês.

— Vejo que guarda muita simpatia por êsse país?!

— Sim. Tive lá a melhor consagração dos meus esforços: o momento em que recebi das mãos do General Mannerheim, numa tocante e singela cerimónia, a «Rosa Branca», a mais alta distinção finlandesa.

— Agora, volta à América?

— Devo, ali organizar duas grandes exposições de fotografias — uma na Livraria do Congresso, em Wasington, outra em Nova Iorque, no Museu de Arte Moderna. Possuo 3.000 «clichés» de aspectos da guerra em tôdas as frentes, o que foi já considerado «récord». Como enviada especial da Fundação Carnegie, devo, porém, passar ainda por Inglaterra para fixar, na minha objectiva, as desgraças, as vicissitudes da vida dos civis sob a metralha.

«Mademoiselle» Therese Bonney sorri ao despedir-se. O seu olhar que tem pousado em tantas amarguras amacia-se, abre um parêntesis de bondade na sua fisionomia impenetrável.

Desejamos-lhe mais uma feliz viagem, a ela que, em avião, pelo mar, em todos os meios de transporte e em todos os sentidos, tem enfrentado os maiores perigos para chegar junto da realidade da guerra.

Não será necessário afirmar que Therese Bonney é inteligente e culta se elucidarmos ter sido a sua educação feita na América e na França e possuir o título de doutor da Sorbonne de Paris.

JUDITH MAGGIOLY

As mascotes do REGIMENTO

UM DOS ULTIMOS DESTACAMENTOS QUE PARTIU PARA OS AÇÔRES levou consigo as «mascottes» do regimento: um lindo cão felpudo e uma cabrinha tôda negra — dois animais que todos os soldados estimam, que viviam, com êles, no quartel, acostumados aos toques do clarim, e que eram seus companheiros em andanças de exercícios e manobras. Os soldados não quiseram separar-se dêles. E, no arquipélago português, hão-de continuar a ser bons amigos e a entender o toque do clarim — que ressoa, de novo, em terra que também é Portugal.

O CASO DA SEMANA

AS ASPIRAÇÕES DA ABISSÍNIA

(Continuação da **sexta** página)

Por Carlos Ferrão

tropolitana e a ultramarina, atingiu ràpidamente o seu ponto culminante. Em Dezembro, o general Wavell iniciou a contra-ofensiva na Líbia e na Africa Oriental italiana. Alguns meses depois, Hailé Selassié regressou a Addis Abeba.

Uma carta reveladora do dr. Martin

A aventura etiope não deve considerar-se terminada. Acontece mesmo que, por virtude dum episódio sensacional, entrou numa nova fase. Numa carta enviada há dias a um jornal inglês de grande influência e divulgação que, em tôdas as circunstâncias, apoiou a causa da Etiópia, o dr. Martin, conselheiro escutado do Negus, felicitou-se pelo regresso dêste à pátria e acrescentou, com a autoridade da sua elevada função: «A Etiópia será reintegrada na sua plena integridade territorial. O Primeiro Ministro britânico fêz essa solene promessa. A única reserva aceita pelo Negus foi a de que, durante algum tempo, conselheiros europeus, sem afectarem em nada o princípio da soberania nacional, exerceriam uma vigilância aconselhada no interêsse de todos.»

Apenas isso? A carta do dr. Martin não seria escrita para tão pouco. O conselheiro e confidente de Hailé Selassié, antigo e futuro embaixador do seu país em Londres, acrescentou, às suas declarações de ordem geral, algumas curiosas revelações:

«A Grã-Bretanha e os seus aliados, diz a carta, devem dar ao imperador Hailé Selassié a garantia de que, além do território que perdeu em 1936, êle receberá, quando da conclusão da paz, os portos de Massauá e de Assab, e a província de Hamasen (Eritreia actual). Hamasen foi sempre uma província do Império etiope, perdida no tempo de Menelik. A Etiópia tem direito a uma compensação pelos sofrimentos que suportou e a uma salvaguarda para o futuro. Se os habitantes da Somália forem favoráveis a uma tal solução, também esta região deve ser incorporada no futuro território etiope.»

É escusado dizer que as sugestões do dr. Martin não têm carácter oficial. Representam, porém, um ponto de vista valorizado pela função especial do seu autor.

A carta, que produziu certa perturbação nos meios britânicos, provocou a resposta duma personalidade extra-governamental, o deputado Geoffrey Mander, que, na Câmara dos Comuns, se tem distinguido durante os mais importantes debates sôbre política externa.

O deputado Mander declarou aceitar o princípio da restauração da integridade territorial e da independência da Abissínia com as fronteiras que esta tinha quando foi admitida na S. D. N. Admite mesmo a incorporação nesse território da província de Hamasen, que dêle foi separada em 1885. Mas não concorda com a sugestão relativa à Somália porque, declara, «a questão da Somália italiana exigirá um tratamento especial, visto que os próprios somalis, oportunamente, reclamarão a união e a independência das suas tribus agora divididas entre a Inglaterra, a França, a Itália e a Abissínia».

Num dos seus discursos recentes, o Duce prometeu que o Império italiano, com a vitória na Europa, será reintegrado na sua primitiva unidade e grandeza. Tudo depende, em última análise, da evolução da luta em que as grandes potências europeias se envolveram. As guerras africanas ganham-se ou perdem-se na Europa. Por enquanto as aspirações do Negus, traduzidas na carta do dr. Martin, são, pelo menos, prematuras.

Vida Mundial Ilustrada

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

Continente e Ilhas: 3 meses (12 números) — 11$00; 6 meses (24 números) — 22$00; 12 meses (48 números) — 43$00. — Africa: 12 mese; (48 números) — 60$00.

Estrangeiro c/convenção — 12 meses (48 números) — 65$00.

Estrangeiro s/convenção — 12 meses (48 números) — 80$00.

COMPOSTO E IMPRESSO nas Oficinas Gráficas Bertrand (Irmãos), L.da — Tr. da Condessa do Rio, 27 — Lisboa.

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS

Em Portugal e Colónias: Agência Internacional, Rua de S. Nicolau, 19, 2. Telef. 2 6942 — Lisboa

Visado pela Comissão de Censura

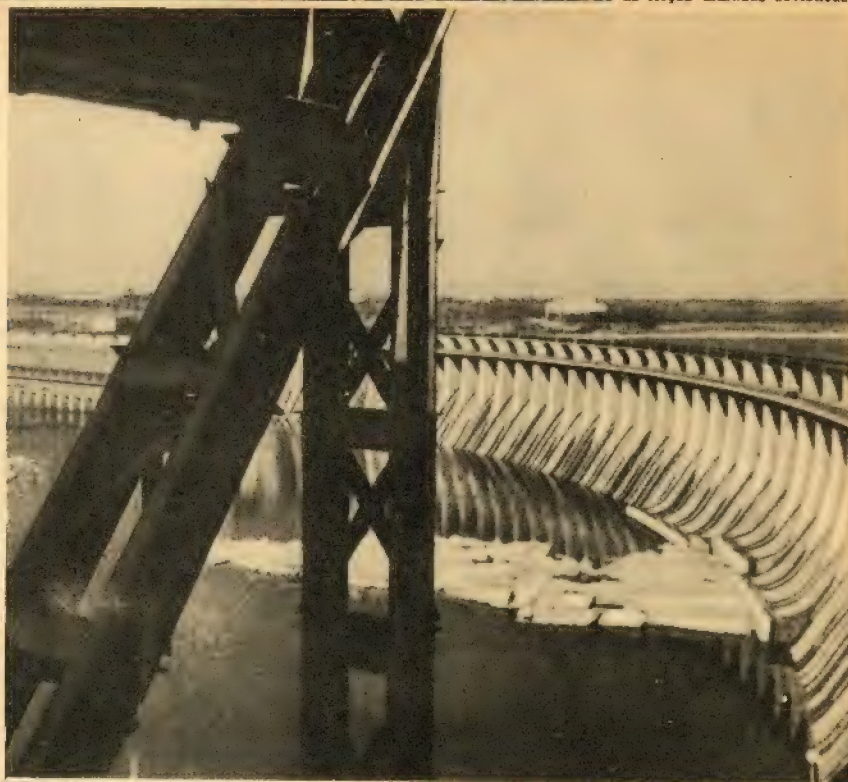
Os campeonatos de natação da Mocidade Portuguesa *e outras competições*

NA PISCINA DO SPORT ALGÉS E DAFUNDO, disputaram-se recentemente os campeonatos nacionais da «Mocidade Portuguesa», com a assistência do sr. dr. Marcelo Caetano, comissário daquela patriótica organização. A vitória colectiva pertenceu ao grupo da Estremadura. As fotos desta página mostram-nos vários aspectos dêsses campeonatos e ainda doutras provas de natação promovidas entre sócios do Sport Algés e Dafundo e que alcançaram grande êxito. À esquerda: um lindo salto no concurso ganho por Edgar Tamegão. À direita, de cima para baixo: um grupo de concorrentes às provas da M. P.; os nadadores que, pela primeira vez em Portugal, correram a prova «estilistas»: a equipa que bateu o «record» nacional da estafeta 4×100.

(Fotos feitas com películas «Ferrânia»)

A campanha da RÚSSIA

INFANTARIA ALEMÃ avança cautelosamente numa pequena cidade russa que acaba de ser tomada pelas fôrças do Reich, após intenso bombardeamento.

NOUTRO PONTO DA FRENTE, a infantaria germânica ataca. A foto mostra-nos um flagrante instantâneo da perseguição às fôrças armadas soviéticas.

A BARRAGEM DE DNIEPROSTRO, que foi destruída pelos russos perante o avanço alemão. Era esta possante barragem, com a sua respectiva central eléctrica, que fornecia a energia necessária a uma das principais regiões industriais russas. À esquerda: Soldados alemães observam um avião soviético abatido pela D. C. A.

OS ALTOS FORNOS duma fábrica metalúrgica russa que foram bombardeados pela aviação alemã. Antes da guerra, a produção de aço na Rússia era de 20 milhões de toneladas anuais. À esquerda, as dificuldades que encontram no seu avanço os atiradores motociclistas alemães. A foto mostra-nos alguns veículos atolados na lama.

MULHERES DE SMOLENSKO regressam aos seus lares, após a violenta batalha que quási destruiu a cidade. Ao fundo, vê-se a catedral que ficou muito danificada. À esquerda: A população ucraniana volta aos campos na região ocupada pelas tropas germano-romenas.

O que sei do que vi na Exposição do Mundo Português

②

TESTE ORGANIZADO POR F. DE CARVALHO HENRIQUES

Conforme se explicou no número anterior **Vida Mundial Ilustrada** apresenta aos seus leitores uma forma curiosa de obterem indicação sôbre o poder da sua atenção e a precisão da sua memória, por meio de um pequeno exame a respeito do que viram na Exposição do Mundo Português.

Nesta ordem de ideias se preparam quatro séries de exercícios que constituem o que em Psicologia Aplicada se chama um «teste».

A série que hoje se publica — a 2.ª série — compõe-se de trinta exercícios de duas espécies.

Uns são formados por frases incompletas, apresentando-se para cada uma cinco maneiras diferentes de a completar. Contudo, apenas uma destas alternativas é verdadeira, quere dizer, entre as cinco maneiras diferentes de completar cada frase, só uma a torna exacta.

Por exemplo: **O documento que, na Exposição, se via dentro de um cofre era**

1. **O tratado de Tordesilhas.**
2. **O Foral de Lisboa.**
3. **A Crónica de D. João I.**
4. **O Testamento de D. Afonso I.**
5. **O Missal de Lorvão.**

A alternativa escolhida é a marcada com o n.º 2, ficando a frase exacta como segue:

O documento que, na Exposição, se via dentro de um cofre era o Foral de Lisboa.

Os restantes exercícios são constituídos por outras tantas fotografias para as quais há que escolher as respectivas legendas que se encontram entre as palavras ou frases apresentadas com êsse fim. Anàlogamente ao que acontece com as frases incompletas cada fotografia só tem uma legenda exacta.

O leitor terá, pois, de marcar na Tabela das Respostas, à frente do número indicativo de cada frase incompleta ou de cada fotografia o número do final de frase ou de legenda que considera verdadeira. Na página seguinte dão-se quatro Tabelas de Respostas para serem preenchidas por outras tantas pessoas, depois de separadas pelos traços.

Uma vez preenchida a Tabela das Respostas, confrontá-la-á o leitor com a Tabela Padrão, da página 19, marcando com uma cruz as frases que não completou ou completou erradamente e as fotografias que não identificou ou identificou com inexactidão.

É claro que ninguém pensará em fazer «batota» consultando a Tabela Padrão antes de preencher a Tabela das Respostas.

O resultado final será dado pela diferença entre trinta e o número de erros indicados pelas cruzes, visto que por erros se contam tanto as inexactidões como as faltas.

Vinte e quatro exercícios exactos representam um resultado muito satisfatório.

É evidente que estes exercícios não pretendem, nem por sombras, abranger todos os pontos interessantes da Exposição. Pretende-se sòmente fornecer a cada leitor um meio para obter uma indicação de quanto tem na memória do que viu na Exposição.

Considerar a coisa de outro modo era o mesmo que admitir que para o examinador fazer ideia do que sabe o examinando necessita de o interrogar sôbre todo o programa do curso. Ora como se sabe, basta muitas vezes umas «preguntas de algibeira» para conhecer quais são as habilitações do aluno.

Não esquecer, ainda, que, no nosso caso, professor e aluno são uma e mesma pessoa — o Leitor.

E posto isto:

Que sabe o leitor do que viu na Exposição do Mundo Português?

PAVILHÕES DOS DESCOBRIMENTOS E DA COLONIZAÇÃO

1. Os principais elementos decorativos do exterior do Pavilhão dos Descobrimentos eram

   1. A âncora e a nau.
   2. A cruz e o cabrestante.
   3. A âncora e a cruz.
   4. O cesto da gávea e o leme.
   5. A nau, a cruz e a lança.

2. A Esfera dos Descobrimento rodava em tôrno de um eixo, mas o Planisfério dos Descobrimentos, que se via no respectivo Pavilhão, êsse estava

   1. Suspenso do teto.
   2. Suportado por dois elefantes.
   3. Pregado na parede.
   4. Colocado no chão.
   5. Apoiado sôbre colunas.

3. A Sala do Infante D. Henrique tinha ao meio

   1. Um disco no estilo de rosa dos ventos.
   2. Um portulano alegórico.
   3. Uma caravela vermelha.
   4. Um astrolábio gigante.
   5. Uma miniatura da Escola de Sagres.

4. O padrão deixado por Diogo Cão no Cabo de Santa Maria, em África, encontrava-se na sala em cujas paredes também se viam

   1. As riquezas da África Ocidental.
   2. O Gigante Adamastor e a Pedra de Yelala.
   3. As embarcações de longo curso, da época.
   4. Lisboa, o grande empório de então.
   5. O Rei do Congo e a Casa da Guiné.

5. O grupo escultórico da sala que focava o triunfo rial dos descobrimentos era formado por D. Manuel I e mais

   1. Gil Eeanes e Vasco da Gama.
   2. Diogo Cão e Pedro Álvares Cabral.
   3. Pedro Álvares Cabral e Diogo Cão.
   4. Bartolomeu Dias e Vasco da Gama.
   5. Vasco da Gama e Pedro Álvares Cabral.

6. A loba romana dominava o painel evocativo

   1. Da obra do Papa português João XXI.
   2. Do génio de João das Regras.
   3. Da embaixada de D. Manuel I ao Papa.
   4. Da suplantação da civilização mediterrânea pela civilização atlântica.
   5. Do Tratado de Tordesilhas.

7. Um grande exemplar dos «Lusíadas», aberto a meio, falava, logo no primeiro verso, de

   1. «Aquele oculto e grande cabo».
   2. «Venus bela, afeiçoada à gente portuguesa».
   3. «O velho honrado» — êsse exterminador de iniciativa.
   4. «Baco odioso».
   5. «As filhas de Nereo... D'amor dos Lusitanos incendiadas».

8. Os seis mapas horizontais que se viam na primeira sala do Pavilhão da Colonização explicavam

   1. Os motivos que levaram os portugueses a expandir-se pelo mundo.
   2. As viagens marítimas dos egípcios e dos vikings.
   3. A maneira como se construíam as caravelas.
   4. Como viviam os povos da África e da Ásia antes da chegada dos portugueses.
   5. Como nós conservámos aquilo que descobrimos.

9. Na Sala da Organização do Estado Colonizador, a memória de Pero da Covilhã e de Afonso de Paiva era homenageada num baixo relêvo que se referia à sua viagem em busca de

   1. Marco Paulo.
   2. Gengis Kan.
   3. Preste João.
   4. Frei Luiz de Sousa.
   5. D. Sebastião.

10. As grandes explorações económicas do continente africano, na época dos descobertos, eram, segundo as pinturas da Sala de África,

    1. Diamantes — Prata — Escravos — Especiarias.
    2. Ouro — Escravos — Especiarias — Marfim.
    3. Marfim — Coral — Especiarias — Escravos.
    4. Pedras preciosas — Ouro — Especiarias — ópio.
    5. Ouro — Prata — Especiarias — Coral.

11. As cinco tábuas existentes no chamado Relicário do Oriente mostravam

    1. Calecu — Ormuz — Goa — Diu — Malaca.
    2. Os cinco continentes.
    3. Cinco vice-reis da Índia.
    4. Venus — Marte — Jupiter — Juno — Neptuno.
    5. Cinco rios da Ásia.

12. Na Sala da Política de Limites deparava-se com a representação simbólica do Tratado de Tordesilhas, do qual o meridiano, que repartia o Mundo entre Portugal e Espanha, era constituído por

    1. Uma linha curva dourada.
    2. Um disco de cristal.
    3. Tubos de neon.
    4. Uma linha interrompida pintada.
    5. Um fio metálico iluminado.

13. Nama outra parede, o chamado Mapa Côr de Rosa traduzia a esperança de

    1. Estender Angola até à Contra-costa.
    2. Abranger tôda a Ilha de Timor.
    3. Rehaver Olivença.
    4. Ligar as possessões da Índia entre si.
    5. Rehaver Marrocos.

14. Logo a seguir admirava-se um gráfico construído alusivo ao feito de Chaimite e que demonstrava

    1. A formatura impecável das hostes inimigas.
    2. As dificuldades que o campo da batalha oferecia aos portugueses.
    3. A crueldade de Gungunhana.
    4. A desproporção entre o número de portugueses e de inimigos.
    5. A tática de combate de Mousinho.

15. Na Sala da Política Administrativa estavam expostos mais quatro gráficos construídos, dois dos quais mostravam

    1. A organização de uma feitoria e a abertura de uma estrada.
    2. A construção de um aeródromo e o saneamento de um pântano.
    3. A recepção dos portugueses pelo rei do Congo e a lavra de uma mina.
    4. A abertura de uma estrada e o saneamento de um pântano.
    5. A construção de uma ponte e a organização de uma feitoria.

16. Os momentos culminantes da obra de administração colonial eram evocados

    1. Numa colecção de tábuas.
    2. Em dois polípticos.
    3. Numa fotomontagem.
    4. Num friso de azulejos.
    5. Num grande baixo relêvo.

17. Na passagem de uma sala para outra indicavam-se, as obras de António Maria Cardoso, Vítor Cordon e Alexandre Serpa Pinto numa série de

    1. Dísticos pintados em vidro.
    2. Fotografias coloridas.
    3. Objectos de uso colonial.
    4. Cartas itinerárias.
    5. Maquetes de trabalhos de engenharia.

18. Ao fundo da Sala da Política Indígena deparava-se com um baixo relêvo que evocava três momentos fundamentais de tal política, entre êles

    1. A libertação dos escravos do rei de Bisnaga.
    2. A entrega do foral que regulamentava os costumes indianos.
    3. A conversão ao catolicismo da Rainha de Sabá.
    4. O acto da supressão das Alfândegas Chinesas de Macau.
    5. A supressão da poligamia entre as populações africanas.

19. No meio da Sala do Panorama Actual da Acção Colonial Portuguesa, uma série de gráficos construídos evidenciava aspectos económicos importantes relativos a

    1. S. Tomé e Guiné.
    2. Angola, Guiné e Macau.
    3. Moçambique e S. Tomé.
    4. Timor e Angola.
    5. Angola e Moçambique.

20. Finalmente, um dos pontos mais importantes focados na Sala da Síntese do Pavilhão da Colonização, era

    1. A vitória da ciência sôbre a doença do sono.
    2. A pacificação dos cuamatos.
    3. A acção de Portugal contra a subversão da Europa pelos muçulmanos.
    4. A introdução do bicho da seda na Europa.
    5. O papel desempenhado por Portugal nas primeiras viagens aéreas.

AS SALAS DA EXPOSIÇÃO

Escolher entre as legendas seguintes aquelas que exactamente se adaptam às fotografias marcadas de 21 a 30.

1. A Sala da Abissínia.
2. A Sala de D. Afonso IV, D. Pedro e D. Fernando.
3. A Sala dos Antecedentes da Colonização.
4. A Sala do Espírito Santo.
5. A Sala da Europa Política.
6. A Sala de D. João I.
7. A Sala da Guerra Peninsular.
8. A Sala da Índia.
9. A Sala do Infante D. Henrique.
10. A Sala de D. João IV.
11. A Sala de 1640.
12. A Sala do Túmulo.
13. A Sala dos Transportes do Mar e do Rio.
14. A Sala de S. Vicente.
15. A ala de um salão dedicada à Religião Popular.

CALÇADA DA GLÓRIA

A IGUALDADE

DOIS varredores conversavam, uma madrugada, sôbre política, encostados ambos êles aos seus respectivos paus de vassoura.

— Eu quero a igualdade social — dizia um.

— Também eu! — dizia o outro. — Tudo varredores!

NOTÍCIAS INTERNACIONAIS

UMA agência telegráfica forneceu-nos ontem o seguinte telegrama: «Singapura, 17 — Singapura singra pura».

CONCORDAM?

DIGAM-ME se concordam com êste pensamento: a fera é a sogra domesticada; a sogra é a fera por domesticar.

O CÔCO

ENCONTRÁMOS, uma noite destas, Carlos Leal, o conhecido *compère* de muitas revistas de êxito.

— Então, Carlos Leal, corre-lhe o côco? — preguntámos-lhe.

Respondeu-nos:

— Corre; mas, como agora sucede a quási tôda a gente, o côco anda muito «ralado»...

EQUILÍBRIO POLÍTICO

PREGUNTÁMOS, há dias, a um amigo nosso qual dos partidos em guerra gozava da sua preferência.

Respondeu-nos:

— Não tenho preferência. Moro em Entre-Campos...

D. JOÃO V

O marquês de Ponte de Lima permitiu-se, um belo dia, fazer certas restrições ao poder real.

— Pois quê? — estranhou o Rei — Então se eu te mandasse atirar ao mar, tu não ias?

O marquês não hesitou um momento; pegou na capa e no sombreiro de plumas, curvou-se e preparava-se para sair.

— Onde vais? — inquiriu o monarca.

— Aprender a nadar, meu senhor! — respondeu o marquês.

O ENTRUDO

RETRATO do velho Entrudo alfacinha, numa quadra que encontrámos entre alfarrábios:

Enfarinhar, pôr rabos, dar risadas,
Querer em um só dia comer tudo,
Com rêsteas de cebolas dar pancadas
Estas as festas são do gordo Entrudo.

SÁBIOS

UM sábio americano, o sr. Gerritt Miller, passou alguns meses, em plena floresta virgem, rodeado de reptis, de macacos, de vampiros, de bichos de tôda a espécie. No regresso os jornalistas quiseram saber como o sr. Gerritt Miller tinha passado entre tão tremendos perigos.

O sábio não hesitou um segundo na resposta:

— Mas excelentemente. A vida na selva é um encanto. Nem automóveis, nem cinemas, nem telefonias, nem congressos, nem conferências públicas... O Paraízo!

OH TU, QUE FUMAS

— Mata essa aranha, Day — dizia um belo dia certo advogado inglês ao grande escritor, vendo uma aranha enorme descer-lhe pela manga do casaco.

— Que dirias tu se um ente fabuloso, que tivesse sôbre nós o poder que nós temos sôbre êste insecto, surgisse de repente e me ordenasse, com a maior naturalidade do mundo: — «Mata êsse advogado, Day. E, no entanto, não faltará quem tenha a opinião de que os advogados são muito mais perniciosos do que as aranhas...».

Nem sempre é o caso. Pelo menos — felizmente para os advogados — há ainda muito boa gente que está convencida do contrário. Senão, veja-se o escritório do dr. Bustorff Silva: trasborda de clientes. A qualquer hora que lá se entre, está repleto. Dir-se-ia — salvo o devido respeito — que o advogado, à semelhança daquele célebre dr. Gaspar **da comédia** As nossas amantes, **em vez de dar conselhos, dá moedas.**

Se um charuto pode definir um homem, êste homem está definido pelo charuto — por êsse charuto loiro, opulento, perspicaz, fumegante, que é, ao mesmo tempo, uma distracção e uma filosofia. O charuto é o homem. Mais: o charuto — é, em Bustorff Silva, o advogado. Levem-lhe os Códigos, mas deixem-lhe os «havanos» — costuma êle dizer. O charuto é, na verdade, o seu grande argumento. Com um charuto faz prodígios de dialética. Sem charuto — é o mais infeliz dos mortais. Sabendo isto, certo comerciante, grato aos seus serviços forenses, permitiu-se a honra de o presentear, um dia, com duas dúzias de abanos.

— Como me disseram que V. Ex.ª gostava muito de «abanos» aqui lhe trago estes — para o seu fogareiro...

OBSERVATÓRIO

CONTAVA Fortunato da Fonseca, esplêndido espírito duma ironia fulgurante, que tinha tido uma criada que o fôra também dum director do Observatório da Ajuda. Um dia, preguntou-lhe:

— Porque é que saiste de lá?

Logo a rapariga respondeu:

— Porque o senhor doutor estava sempre a fazer observações!

ISQUEIROS

UMA revista brasileira conta que apareceu na sua Redacção um homem dizendo-se inventor e apresentando, como descoberta sua, um isqueiro.

— Mas já há tantos isqueiros... — disseram-lhe.

— Pois há. Mas êste tem muitas inovações. Até tem um depósito para fósforos!

POSITIVISTAS

— LEITOR amigo, eras capaz de te matar por uma mulher?

— Não.

— Nem eu. Mal por mal, antes morrer por ela...

AS MÃOS

TRATAVA-SE dum assunto de teatro. Em determinada altura, o revisteiro Aníbal Nazaré, exclamou:

— Lavo daí as minhas mãos. Como Herodes.

Logo alguém emendou:

— Como Herodes, não. Como Pilatos.

Imediatamente Aníbal Nazaré:

— Essa agora. Então você pensa que o Herodes nunca lavou as mãos?

O HOMEM DO TALHO

PERTO de nós morou, em tempos, um homem que tinha um talho — e tinha também um petiz de oito ou nove anos, por sinal bastante ladino. Um dia, o pequeno deixou de freqüentar a escola. Preguntámos ao pai o motivo.

— Estavam-me a dar cabo do rapaz! Imagine, e ensinarem-lhe que um quilo tinha mil gramas!

— Mas é verdade!

— É verdade? No meu estabelecimento só tem novecentas!

A AMÉRICA DO NORTE

AGORA que tanto se fala na América, não deixa de ser oportuno recordar esta história pitoresca.

Três turistas inglêses visitavam, certa ocasião, um dos museus de Nova York. Ao entrarem numa das salas logo se lhes deparou uma estátua que o *ciceroni* apontou como sendo a estátua de Cristóvam Colombo.

— Mas que mulher é aquela que parece ampará-lo? — preguntou um dos turistas, compondo os seus largos óculos de viajante.

— É a América — respondeu o *ciceroni*. — Não repara que ela está semi-nua.

— E que tem isso?

— Tem muito. Vê-se logo que foi Colombo que a descobriu...

UM DITO

UMA tarde, na *Bertrand*, alguém queixava-se amargamente:

— Não tenho cinco réis e devo perto de três contos...

Brito Camacho que ouvira êste desabafo comentou:

— Isso é o que se chama fazer fortuna, meu amigo!

SCHIAPA ROBY

ESTE nosso amigo, escritor, poeta, boa pessoa e infatigável freqüentador da *Brasileira*, andava certa tarde de chuva a passear defronte do *Teatro do Gimnásio*.

— Você por aqui, Schiapa, com êste tempo?

— Estou à espera que passe aquele «táxi» que está ali parado à porta do *Trindade*...

— ?...

— Se tiver o número par, vou jantar ao *Tavares-pobre!*

Luiz d'Oliveira Guimarães

A UCRÂNIA
E AS SUAS VICISSITUDES

(Continuação da segunda página) *Por António Brochado*

blica Popular da Ucrânia, os alemães, nada confiantes na esfinge soviética, mantiveram várias divisões na frente oriental. Cabia à jovem República Ucraniana o seu aprovisionamento. Só com a ameaça das baionetas, conseguiram os ocupantes algum cereal — mas pouco. O efeito moral foi péssimo. A reacção não se fêz esperar. Von Eichhorn é assassinado em Kiev. A Roménia, considerando um perigo a presença dos alemães na Ucrânia, anexa a Bessarábia.

Até que chegou o mês de Novembro de 1918 e com êle a derrota dos impérios centrais. As tropas alemãs retiram. As fôrças «vermelhas» ocupam a Ucrânia. Forma-se um Conselho de Comissários do Povo, presidido por Christian Rakovski. Simultâneamente, Petlura forma outro govêrno e declara Skoropadski fora da lei. A guerra civil ia entrar na sua fase mais trágica e com ela ingressaria na história e na lenda a sangrenta figura de Petlura. Alcandorado ao poder por um golpe de audácia, Petlura conheceu a popularidade. De origem humilde, fôra cocheiro, seminarista, estudante universitário, jornalista político e militante socialista.

A INTERVENÇÃO DOS ALIADOS E O FIM TRÁGICO DE PETLURA

Petlura proclama-se chefe do Estado. A sua ilimitada ambição faz com que objure os seus crédos da véspera e se converta num nacionalista exaltado. Torna-se autoritário e violento. Ordena crueis perseguições; os judeus são massacrados. É uma guerra sem quartel. Os bolchevistas ripostam. É quando surge a famosa «cavalaria vermelha» de Budienny — o actual comandante das tropas russas que defendem a Ucrânia —, que devia inspirar a Isaac Babel um dos mais curiosos romances sôbre a guerra civil. Combate-se por todos os processos, numa sêde insaciável de extermínio. Os guerrilheiros aparecem de todos os lados e com êles Makhno, o singular anarquista que suprimiu a infantaria, a artelharia e mesmo a cavalaria, que considerava massas pouco manejáveis, substituindo-as por um exército de carros ligeiros, armados com metralhadoras. Foi uma espécie de percursor das tropas motorizadas...

Em Dezembro de 1918 os navios de guerra franceses fundeiam ao largo de Odessa. As tropas de Franchet d'Espérey ocupam na Ucrânia uma zona que vai de Tiraspol a Nicolaiev e Kheron. Petlura pretende aliar-se àquelas fôrças, o que lhe acarreta grande impopularidade. A desunião entre os «brancos», motivada por vaidades feridas e rivalidades, aumenta consideràvelmente. Ninguém se entende. E assim, Denikine, antes de abandonar a luta, combate simultâneamente os «sovietes» e Petlura, pois era partidário duma Rússia una e indivisivel.

As tropas francesas retiram sem combater, o mesmo sucedendo com a esquadra, em que se registou uma revolta, chefiada por André Marty. O perigo do contágio leva os aliados a abandonarem o Mar Negro.

Instalava-se em Kharkov novo govêrno operário e camponês. As tropas de Petlura são atiradas para Podolia. Petlura não desiste da luta e alia-se a Pilsudsky. As tropas polacas penetram na Ucrânia. Kiev entrega-se sem combate. A terra ucraniana sofria nova invasão.

Em Maio de 1920, a Polónia e a Rússia assinavam um tratado de paz. Petlura e os seus soldados espalham-se pela Europa. Não perderam a sua fé nacionalista, tendo-se agrupado em várias organizações. Petlura, que buscara refúgio em Paris, foi morto a tiro pelo judeu Schwarzbard, no cruzamento da rua Racine com o boulevard Saint-Michel, terminando assim a sua aventurosa existência.

A UCRANIZAÇÃO DO PAÍS EM SUBSTITUIÇÃO DA RUSSIFICAÇÃO

O nacionalismo ucraniano, sempre latente, foi um dos mais complexos que o novo govêrno russo teve de enfrentar. E assim deu início a uma política oposta àquela que sempre haviam seguido os czares. À russificação sucedeu a ucranização. O ucraniano foi tomado a língua obrigatória em todos os serviços públicos, que só podem ser desempenhados por naturais do país. A Universidade de Kiev — a antiga «mãe de tôdas as cidades russas» — passou a dar os seus cursos em ucraniano. Exaltou-se a memória das grandes figuras nacionais, tendo sido erguidos numerosos monumentos a Chevtchenco. Desenvolveu-se a arte, a literatura e o teatro. A Imprensa conheceu notável progresso. Só em 1931, publicavam-se 248 jornais com uma tiragem global de cinco milhões de exemplares. A instrução pública passou a ser obrigatória. O censo de 1931 acusava a existência de 78 % de letrados entre os homens e 58 % entre as mulheres, contra 36,5 % e 11,7 % do censo em 1877.

Membro da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas desde 30 de Dezembro de 1922, a Ucrânia, que é banhada pelo Mar Negro e pelo Mar de Azov, possue uma extensão territorial de 443.080 quilómetros quadrados. Sessenta e cinco por cento do solo é produtivo. Inclue ainda a República Autónoma da Moldávia, criada em 1924, com uma superfície de oito mil quatrocentos e dezanove quilómetros quadrados. A população ucraniana é calculada em 31.194.800, vivendo na Ucrânia 23.218.900 pessoas. A restante população vive principalmente no Caucaso setentrional e na região central das Terras Negras. A população urbana representa 18,5 % do total. Apenas existem três grandes cidades com uma população à volta de quinhentas mil pessoas: Kiev, Odessa e Kharkov. Minoria nas cidades, os ucranianos constituem no campo uma maioria esmagadora: 87,5 %.

Representando 2,1 % do território da União Soviética, a Ucrânia compreende os antigos governos de Kharkhov, Tchernigov, Poltava, Ekaterinoslav, Kherson, Kiev, Podolia, Volinia e três distritos do velho govêrno de Taurida. Possue três grandes portos: Odessa, Nicolaev e Kherson. E ainda outro no mar de Azov: Mariupol. As estepes ocupam tôda a zona meridional. Três grandes rios sulcam a terra ucraniana: o Dniester, com 1.200 quilómetros e com uma bacia de oitenta mil quilómetros quadrados; o Bug meridional; o Dnieper, com dois mil quilómetros, que foi nos primórdios da história russa a grande artéria do movimento comercial com Bizâncio; e o Donetz, afluente do Don. As cidades mais antigas são Jitomir e Kiev, fundada em meados do século IX.

O clima do país é muito variável. A primavera começa tarde e é breve, registando-se no verão máximos absolutos. O inverno é rigoroso e a neve investe tôda a Ucrânia, atingindo o máximo de espessura durante os meses de Fevereiro e Março. Os cursos de água gelam desde meados de Dezembro a Março. O gêlo obstroi os portos marítimos por um período que vai de quinze dias a cinco ou seis semanas. Nos meses mais frios, a temperatura oscila entre 10° e zero.

\+ + +

País de grande riqueza agrícola, a Ucrânia conheceu um grande desenvolvimento industrial. São importantes as novas oficinas metalúrgicas de Krivoi-Rog e Zaporojie e a fábrica de tractores de Kharkov, que, juntamente com a de Stalinegrado, produziu em 1931, 50.000 tractores. As fábricas de produtos químicos estão instaladas no Donetz e Dneprostroi. O valôr do subsolo é também considerável, destacando-se as minas de ferro de Krivoi-Rog e a bacia carbonífera do Donetz, que durante o primeiro plano quinquenal e antes de entrarem em exploração os jazigos do Caucaso e do Extremo Oriente forneceu carvão para quási tôda a indústria soviética.

Possue ainda a Ucrania uma das maiores, senão a maior, central hidro-eléctrica do mundo: Dnieperstroi, que abastece tôda a região circundante e a bacia do Donetz. Para a sua construção foram utilizadas as quedas do Dnieper na célebre região dos cossacos Zaporogua, cantada por Gogol. A barragem tem 750 metros de comprimento, 50 de altura e 40 de largura.

O Alto Conselho da Emigração Ucraniana lutou sempre por uma transformação política da pátria que a desviasse da órbita de Moscovo, sem que contudo, isso implicasse a submissão a outro qualquer país. Alguns intelectuais, chefiados pelo académico Efremov, responderam àquele apêlo e tentaram criar um movimento separatista, pelo que foram julgados em Kiev no mês de Abril de 1930.

A Ucrânia foi outra vez invadida, é de novo teatro da guerra. O mesmo espectáculo: morte e ruínas.

Confiantes no futuro da sua raça, os ucranianos não deixarão de recordar, como lenitivo, as célebres palavras de Kostomarov: «A Ucrânia levantar-se-á um dia do seu túmulo, chamará de novo as suas irmãs eslavas, fará ouvir a sua voz, o mundo eslavo levantar-se-á inteiro e não ficarão nem czar, nem czarevitch, nem czarina, nem príncipe, conde, duque, excelência, senhor ou boiardo, servo e escravo; e o mesmo em Moscovia e na Polónia Ucrânia, Boémia, Corintia, Sérvia ou Bulgária. Ucrânia, a pedra que o construtor tinha esquecido, converter-se-á na pedra angular da construção».

TABELA PADRÃO
DO "TESTE" DAS PÁGINAS 16 E 17

1	3	11	3	21	6
2	4	12	4	22	8
3	1	13	1	23	3
4	2	14	4	24	2
5	5	15	1	25	12
6	3	16	2	26	15
7	3	17	4	27	7
8	1	18	2	28	4
9	3	19	5	29	13
10	2	20	3	30	10

homens do mar
na Paz e na Guerra

OS PESCADORES INGLÊSES trocaram, em grande parte, a sua faina da paz pela da guerra. Em ambas, têm pôsto à prova as suas qualidades de homens do mar, a sua valentia e o seu desprêso pela vida. Mas, agora, a tarefa é bem mais difícil. É que, até aqui, pescavam peixe, agora, pescam minas... A foto mostra-nos alguns dêsses homens, de rostos tisnados e duros, na lida de bordo, num caça-minas da Armada inglesa.